

# MINHA CASA, MINHA SINA

REPORTAGEM  
LUÃ MARINATTO E RAFAEL SOARES

EDIÇÃO  
GIAMPAOLO MORGADO BRAGA

ARTE  
FELIPE NADAES

DESIGN  
WILLIAM BATISTA

## ENCONTRO MARCADO COM O CRIME

FOTOS DE RAFAEL SOARES



Local da reunião de condomínio feita pelo tráfico (acima): muro dos conjuntos (ao lado) tem pichação de uma facção criminosa



### Tráfico convocou até reunião de condomínio para confirmar o valor da taxa de manutenção

UM modelo de convenção de condomínio elaborado para orientar os beneficiados pelo programa "Minha casa, minha vida", disponível no site da Caixa Econômica, apregoa que o conjunto não deve ser usado "para fins incompatíveis com a decência e o sossego ou permitir a sua utilização por pessoa de maus costumes, passíveis de repressão penal ou policial". O documento, porém, não prevê uma norma básica: em pelo menos 14 dos 64 conjuntos de faixa 1 — destinada a famílias mais pobres — na cida-

de do Rio, quem dita as regras de convivência e até convoca reuniões de condomínio é o tráfico ou a milícia. No terceiro capítulo da série "Minha casa, minha sina", o EXTRA revela a história de moradores obrigados a seguir à risca a cartilha do crime.

Nos residenciais Zé Kéti e Ismael Silva, no Estácio — inaugurados pela presidente Dilma Rousseff em junho de 2014 — a primeira reunião de condomínio foi convocada por traficantes do Morro de São Carlos, onde há uma UPP desde maio de 2011. Insatisfeitos com a co-

brança da taxa de manutenção no valor de R\$ 66 e com o consumo de drogas no condomínio, moradores oriundos da comunidade, localizada atrás dos prédios, subiram a favela para reclamar. Não com a PM, mas com o gerente de uma boca de fumo.

No domingo seguinte, às 10h, mais de 60 condôminos se reuniram no salão de festas do Zé Kéti para ouvir o discurso de um grupo de cinco traficantes, alguns armados com pistolas. Com um microfone na mão, o chefe do grupo — um negro alto, desarmado, vestindo chinelo, bermuda e camiseta — informou aos presentes que a cobrança era justa e que o dinheiro seria investido na "manutenção do condomínio". Ao fim da reunião, também ficou acordado

que não seria tolerado o uso de drogas dentro do conjunto.

— A maioria das pessoas daqui confia mais no tráfico do que no poder público. Tanto que até brigas entre vizinhos são resol-

### "AQUI, CONFIAM MAIS NO TRÁFICO DO QUE NO PODER PÚBLICO"

vidas pelo "carro da carne", uma Kombi que leva os moradores ao alto da favela, para conversar com os bandidos — conta José\*, um ex-agente de segurança que participou da reunião.

À noite, a praça em frente aos conjuntos é ponto de uso de drogas, inclusive crack. Como o bando do São Carlos não vende o entorpecente, moradores foram abordados por bandidos querendo saber a origem da droga.

Ontem, os ministros da Justiça, José Eduardo Cardozo, e das Cidades, Gilberto Kassab, a secretária nacional de Segurança Pública, Regina Miki, e o diretor-geral da Polícia Federal, Leandro Daiello, se reuniram em Brasília com representantes da Caixa Econômica para avaliar as ações de segurança referentes ao "Minha casa, minha vida". Também foi discutido o papel dos órgãos diante do que vem sendo identificado nas investigações.

\*TODOS OS NOMES UTILIZADOS NA SÉRIE SÃO FICTÍCIOS

### RADIOGRAFIA DOS CONJUNTOS

Legenda

Pichações com alusão a milícia ou facção criminosa

Relatos de moradores ouvidos pelo EXTRA

Residenciais Zé Kéti e Ismael Silva	
BAIRRO	Centro
PROBLEMAS	<b>Tráfico</b>
APARTAMENTOS	998
FAMÍLIAS	985
CUSTO DA OBRA	R\$ 62.873.819
INAUGURAÇÃO	Julho de 2014
CONDOMÍNIOS	2

Condomínio Aterrado do Leme	
BAIRRO	Santa Cruz
PROBLEMAS	<b>Milícia</b>
APARTAMENTOS	1.340
FAMÍLIAS	1.287
CUSTO DA OBRA	R\$ 79.060.000
INAUGURAÇÃO	Junho de 2014
CONDOMÍNIOS	3

Fontes: Caixa Econômica Federal, Disque-Denúncia, Ministério das Cidades, Ministério Público do Rio, Polícia Civil e Secretaria Municipal de Habitação

### Milícia impõe regras desde o início

► Em condomínios da Zona Oeste, é comum que os moradores, já nas primeiras semanas, recebam um cartão de visitas dos grupos paramilitares que atuam na região. Armados, geralmente em bandos com mais de dez criminosos, os milicianos invadem os conjuntos para impôr suas próprias leis aos beneficiários do programa.

No condomínio Vivendas das Castanheiras, em Cosmos, o recado veio poucos dias após a inauguração, em setembro de 2010. Dividido em três carros pretos, de vidro escuro, os bandidos convocaram todos para uma área comum.

Um dos chefes da milícia tomou a palavra e avisou: "Aqui é um lugar de família, não é favela. A gente não quer drogas, roubos nem vagabundagem".

#### ÁREA DE RECREAÇÃO

O EXTRA ouviu relatos semelhantes em outros oito condomínios da região: no Residencial Rio Bonito, que divide muro com o Castanheiras; no Jardim de Anapólis, também em Cosmos; no Vivenda das Patativas, no Park Royal e no Park Imperial, todos em Paçiência; e nos três lotes do Aterrado do Leme, em Santa Cruz.

Neste último, inaugurado em junho de 2014, um dos en-

contros com os milicianos se deu na área de recreação infantil, já tarde da noite. Os paramilitares foram chamados pelos próprios moradores, insatisfeitos com um casal que fumava maconha com frequência.

Reincidentes na queixa sobre o forte cheiro da droga, os dois foram retirados de casa à força e levados para o estacionamento. Ao lado do balanço, um dos três homens responsáveis pela abordagem decretou a expulsão e disparou: "Que sirva de lição pra todo mundo".

#### AMANHÃ

Traficantes interferem no sorteio de novos moradores.

### A CARTILHA DA BANDIDAGEM

#### IDENTIFICAÇÃO

No Haroldo de Andrade I, em Barros Filho, bandidos do Morro do Chaves organizaram reuniões de condomínio com o objetivo de descobrir se havia pessoas oriundas de favelas ocupadas por facções rivais no conjunto. Cada morador era obrigado a levar seu contrato, onde consta o endereço antigo.

#### NADA DE POLÍCIA

Os milicianos costumam proibir que, em caso de problemas, os moradores acionem a PM ou dirijam-se a delegacias — até brigas de vizinhos são mediadas por paramilitares. Nos conjuntos Oiti, em Senador Vasconcelos, e Livorno, em Cosmos, suspeitos de furto chegaram a ser agredidos.

#### CONTROLE ATÉ NO SOM

Além de vetar o tráfico e o uso de drogas em si, a milícia também não permite que os moradores, a maior parte vinda de favelas, ouçam músicas alusivas a facções criminosas. No mesmo Livorno, dois jovens tiveram o aparelho de som quebrado por um homem que exibiu a arma e fazia ameaças.

"AQUI É UM RECOMEÇO PARA MUITAS FAMÍLIAS. AGORA, VOCÊS TÊM UMA MORADIA"

Presidente Dilma Rousseff

Na inauguração dos residenciais Zé Kéti e Ismael Silva

"NA REUNIÃO DE CONDOMÍNIO, FICOU CLARO QUE QUEM MANDAVA ERAM ELIS"

José\*

Morador do Residencial Zé Kéti